NOVO LIVRO DE **RUY CASTRO** INVESTIGA AS REPERCUSSÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA E, ESPECIALMENTE, NO COTIDIANO DA ENTÃO CAPITAL DA REPÚBLICA

# QUANDO A GUERRA CHEGOU AO RIO

Companhia das Letras

***TRINCHEIRA TROPICAL — A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO RIO***
De Ruy Castro. Companhia das Letras, 414 páginas. R$ 109,90

Convocados pelo governo, os estudantes lotavam o Estádio São Januário para louvar Getúlio

Divulgação

» NAHIMA MACIEL

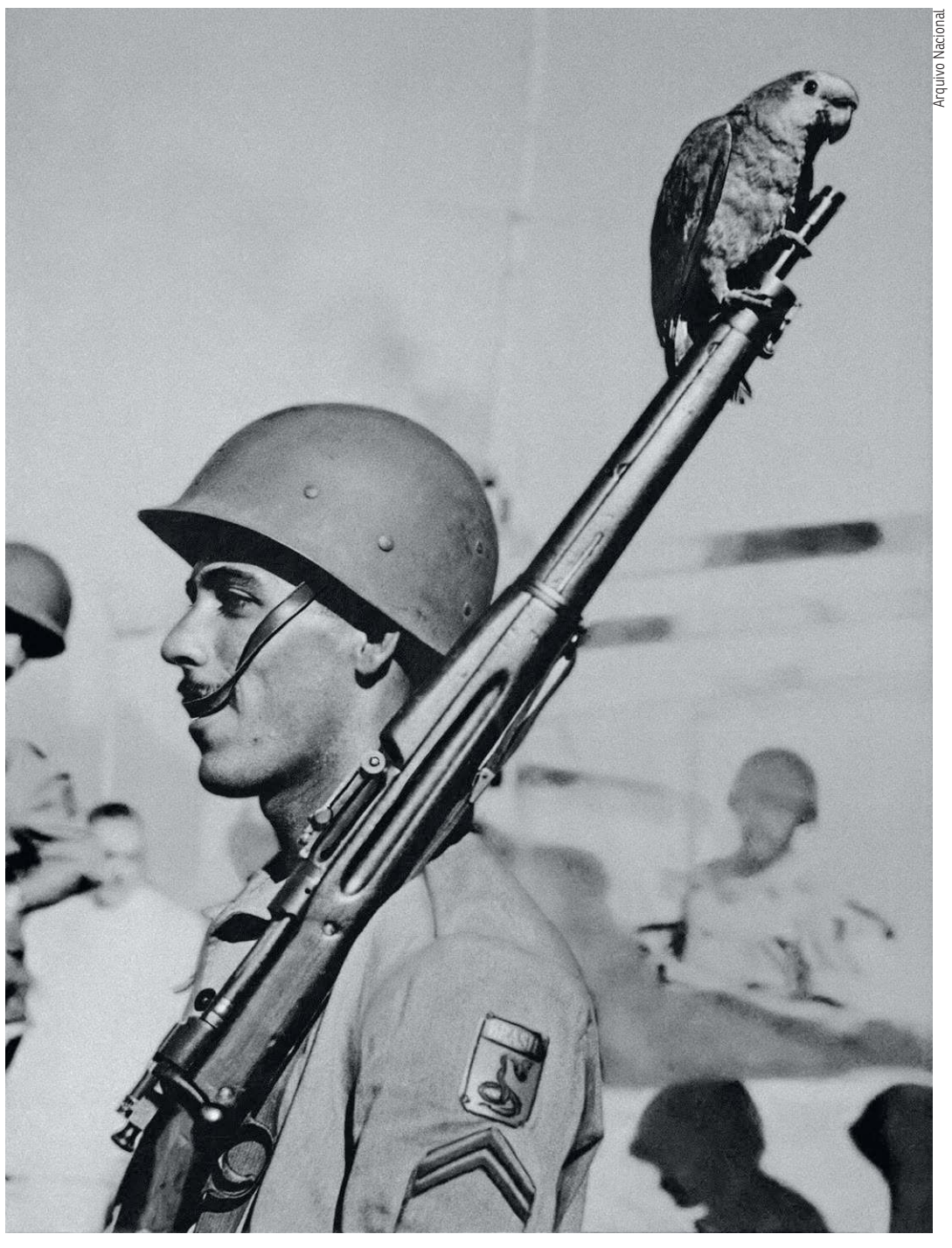
Ruy Castro ficou surpreso quando se deu conta do quanto o impacto da Segunda Guerra no cotidiano brasileiro foi pouco estudado. Mas achou bom. Era uma boa justificativa para escrever sobre o tema. Foram seis anos de pesquisa para dar forma a *Trincheira tropical* — A Segunda Guerra Mundial no Rio, que a Companhia das Letras acaba de lançar.

Pouco mais de 7 mil quilômetros separam o Brasil da Europa e o território brasileiro sempre foi poupado de bombardeios e batalhas de trincheiras, mas o horror que assombrava a Europa teve enorme repercussão na então capital do país. O Rio de Janeiro, sob o comando de Getúlio Vargas, então presidente, viveu parte da desintegração social provocada pela guerra.

A cidade pode não ter sido destruída por bombas e balas, mas bunkers foram construídos, treinamentos foram feitos com sirenes para o caso de ataques — e, nesse caso, até cigarros eram apagados para evitar qualquer pista que ajudasse os inimigos —, o carnaval perigou não acontecer (aglomeração era alvo fácil), marchinhas que ridicularizavam Hitler, Hirohito e Mussolini, os ditadores do Eixo, foram compostas, e até filmes de Walt Disney e Orson Welles foram feitos para evitar uma aproximação com a Alemanha nazista.

O Brasil, durante certo tempo, antes de Getúlio decidir-se pelos Aliados e o cenário da guerra virar, foi visto pelo Terceiro Reich como uma possível extensão do "espaço vital", o Lebensraum que alimentaria a grande nação alemã. Seria um reich erguido por imigrantes e alemães nascidos nos trópicos, que, para Hitler, eram alemães devido ao sangue e nunca brasileiros, um exército em potencial capaz de promover um levante latino, perspectiva que incomodou as autoridades.

É com a história do integralismo, movimento fascista, conservador e de extrema-direita que pretendia tomar o poder — ou ao menos governar de braços dados com Getúlio — que Castro começa o livro. São os anos anteriores à guerra, mas fundamentais para compreender o desenrolar da história e o comportamento joanino de Getúlio que, durante algum tempo, ficou em cima do muro e não abraçou nem o Eixo nem os Aliados.



Arquivo Nacional

Detalhes do cortejo americano para convencer o presidente a não desbancar para o lado de HItler, desmonte de células de espionagem alemãs e seus radiotransmissores que infestavam o Rio, pontos importantes de triangulação de informações entre espiões nazistas lotados nos Estados Unidos e seus chefes na Europa, Castro conta histórias espetaculares e mergulha numa cidade inteiramente voltada para o rumo dos combates do outro lado do Atlântico. Das intrigas palacianas à cena cultural, *Trincheira tropical* esmiúça o cotidiano carioca em uma época sobre a qual pouco se escreveu. Em entrevista, Ruy Castro fala sobre o livro e alguns dos temas abordados no trabalho de 414 páginas.

> **"O Brasil estava minado com uma rede de radiotransmissores clandestinos, quase toda no Rio"**
> ***trecho de* Trincheira tropical**

Special Collection Research Center/University of Michigan

**Orson Welles veio ao Brasil para filmar o carnaval e, por cinco meses, dedicou-se dia e noite ao projeto. Mas a RKO, seu estúdio, não gostou do resultado. *Trincheira tropical*, de Ruy Castro**

## Entrevista // Ruy Castro

**Como nasceu a ideia do livro, em que momento você percebeu que a Segunda Guerra no Brasil, um país que nunca entrou efetivamente nesta guerra, rendia um livro? Essa era uma história esquecida ou subestimada?**

Sempre soube que nenhum país do mundo fica completamente alheio a uma guerra mundial. Principalmente porque essa é sempre travada pelas grandes potências e, de uma maneira ou de outra, sempre fomos dependentes delas. Além disso, o Brasil era estrategicamente importante tanto para a Alemanha quanto para os Estados Unidos, em matéria de grãos e matéria-prima e localização geográfica. Nada disso era segredo. A novidade do meu livro está no fato de os estudiosos nunca terem atentado para o fato e de que o centro dessa história no Brasil era o Rio.

**O título do livro remete à resistência, à luta cultural. Em que medida escrever essas histórias é também uma forma de combate?**

Indiretamente acabou sendo, porque foi a entrada do Brasil na guerra que possibilitou a queda da ditadura do Estado Novo. E é impressionante como a descrição que faço dos integralistas lembra a ação dos bolsonaristas.

**Podemos dizer que o livro faz um resgate de personagens que ficaram de lado ao longo do tempo? Penso aqui em figuras como o Miranda, do Partido Comunista, Lourival Fontes, do DIP, Mascarenha de Morais, comandante da FEB, e até Miguel Reale. O que te atraiu nesses personagens? Ao pesquisar, você sentiu que algum deles merecia um livro próprio?**

Muitos protagonistas daquela história passaram à posteridade com o sinal trocado, como vários militantes do nazismo brasileiro que se converteram à democracia. Não quis atacar particularmente ninguém, mas a história precisa de que seus atores sejam responsáveis pelos papéis que desempenharam em qualquer época. E, sim, muitos merecem livros próprios. Torço para que os historiadores os façam.

**Entre as histórias selecionadas para o livro, houve alguma que deu mais trabalho de ser apurada e pesquisada, que consumiu mais tempo e mais recursos? E houve muitas que ficaram de fora?**

Não, nada de importante ficou de fora — por que ficaria? E toda a apuração do que se passou no Rio foi difícil, tanto que me levou seis anos.

**Qual a história que mais te surpreendeu durante a pesquisa? Houve alguma que tenha mudado a sua perceção sobre certo período ou personagem?**

O que mais me surpreendeu foi o grau de importância da guerra no dia a dia do carioca e ninguém, até então, ter escrito sobre isso. Que bom, deixaram para mim...

**O integralismo é um capítulo da nossa história que merecia mais atenção? Ou ele foi bem documentado? E de que maneira ele pode ajudar a compreender o Brasil contemporâneo?**

O integralismo já foi bastante estudado. Tive de me esforçar para oferecer dados novos. E, como eu disse, ele está entre nós, na pregação da extrema-direita.

**Das histórias narradas em *Trincheira tropical*, alguma você destacaria para nos ajudar a entender o Brasil de hoje? Que ecos encontramos desses episódios no Brasil contemporâneo?**

O livro mostra que, quando foi preciso, o povo brasileiro saiu às ruas em busca de seus direitos. É o que nunca devíamos deixar de fazer.

**Passamos batido pela história da Segunda Guerra no Brasil ou apenas não a estudamos e registramos direito?**

Não apenas a Segunda Guerra, mas toda a história moderna do Brasil é pessimamente estudada. Não sei de quem é a culpa.

**Como equilibrar o rigor histórico e memorialístico do livro com o tom de leveza que você imprime?**

O fato de tentar ser rigoroso e exato não impede um autor de escrever com clareza e objetividade. A verdade não pode ser um fardo para o leitor.

**Quais trincheiras estão no seu horizonte para serem exploradas em novo livro?**

Já tenho um novo assunto em mente para daqui a três anos. Só posso dizer que, como todos os meus outros livros, se passará no Rio, só que em outra época.

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon